

## Análise do poema «Regressei ao Corpo Insuperável»

Maria Raquel Andrade  
Professora na Universidade Lusófona

**Resumo:** Neste breve ensaio, analisa-se um poema inédito de António Ramos Rosa.

**Abstract:** In this short essay, a poem by António Ramos Rosa is analysed.

**Palavras-Chave:** Poesia, corpo, fulguração criadora, universo, Ramos Rosa

O poema de António Ramos Rosa (ver Apêndice) é um hino sereno e jubiloso que canta a unidade viva, a união dinâmica e essencial do Poeta e da Natureza/Poesia, através da metáfora relacional, erótica do «corpo», espaço de todas as sensações, emoções, vivências

Com efeito, o poema insere-se numa poética de inauguração de mundos elementais que é uma aventura permanente em busca da alteridade, da unidade profunda do mundo, da plenitude do instante poético e da sua fruição plena. Nesta «fusão libertadora», feita de comparência e encontro, o Poeta partilha com o leitor a experiência inefável da comunhão cósmica, a serena alegria que decorre da sua união com o Universo e com a Poesia em que o sujeito poético perde a sua identidade para se tornar o músculo unitivo e essencial, «sem nome» e «sem contornos» que é, simultaneamente, o próprio poeta, o Universo e a Poesia, o «corpo insuperável», enfim. Trata-se, no dizer de João Rui de Sousa, de «uma fulguração criadora» onde o homem, talvez nostálgico da sua condição

originária, se recolhe no mais íntimo do Universo”<sup>1</sup>, regressando, deste modo, à unidade do primeiro dia, meta e alcance desta aventura metapoética.

Robert Bréchon refere por outras palavras a aventura cósmica e poética do autor de *As Palavras*: António Ramos Rosa busca ansiosamente o encontro simultâneo com o Universo e com a Poesia e «confia por igual na linguagem e no mundo, ao ponto de os confundir num mesmo amor.»<sup>2</sup>

Este encontro, porém, é dinâmico e deve-se a esse impulso amoroso, à explosão coerente e organizada de energias afectivas, processo em que, como refere Teillard Chardin, que António Ramos Rosa também traduziu, o Poeta se «autocentra», recolhendo-se em si, num recolhimento aberto, para se descentrar, ou seja, para se dispersar no cosmos. Por isso, a palavra é, nesta poética de «fulguração criadora», sístole e diástole, contracção e distensão, o movimento ritmado do «músculo suave» que é o coração do mundo e onde ipseidade e alteridade coincidem e se conjugam em «totalidade inacessível».

É por isso que, no dizer de António Ramos Rosa, «escrever é convocar uma presença viva»<sup>3</sup>, operada na materialidade do espaço silencioso e maciço do ser em que se «renova e se reactualiza a identidade primeira do ser», como escreve o Poeta em *O Aprendiz Secreto*<sup>4</sup> ou a «unidade límpida, central, feliz», como também o declara num belo poema de *Boca Incompleta*<sup>5</sup>.

Não admira, assim, que na materialidade do espaço silencioso, através de uma linguagem erótica, de signos detentores de sortilégios, «o ser e o não ser se conjuguem no real absoluto», como o refere o poema em presença.

O poema é, por outro lado, a exaltação do regresso à origem indefinida, caótica, elementar, que é o espaço de união de todos os elementos: o fogo em que o Poeta se transforma; o rio límpido e silencioso que «nasce em cada instante»; o ar que respira o «vivo amor» incessantemente renovado; a terra recriada, de horizontes imensos onde se reinventam os caminhos da luz e da sombra, da «noite e do dia», da presença e da ausência. Tudo são gestos de silêncio, sempre associados ao espaço e ao tempo do essencial onde se reinventam os caminhos da luz e da sombra e da abertura inicial. Como acontece com as cosmogonias pré-socráticas, nesta poética de inauguração de mundos elementais, o Poeta constrói mundos novos, abertos, livres, vibrantes de frescura, primordiais.

<sup>1</sup> João Rui de Sousa, *António Ramos Rosa ou o Diálogo com o Universo*, Leiria, Editorial Diferença, s/d., p. 108.

<sup>2</sup> Robert Bréchon, « La Poésie de António Ramos Rosa – La Poésie et le Cri », *Revista Critique*, Paris, Janeiro/1981, p. 27.

<sup>3</sup> António Ramos Rosa, *As Palavras*, Porto, Campo da Poesia, 2001, p.176.

<sup>4</sup> A. Ramos Rosa, *O Aprendiz Secreto*, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, 2000, p.75.

<sup>5</sup> A. Ramos Rosa, *Boca Incompleta*, Lisboa, Arcádia, 1977, p. 88.

*Análise do Poema «Regressei ao Corpo Insuperável»*

Ao construir o poema, António Ramos Rosa constrói em liberdade, num espaço em que «não há pontes», o próprio espaço ontológico, como o teoriza num lindíssimo poema de *O Volante Verde*: «A construção do poema é a construção do mundo»<sup>6</sup>.

São, pois, mundos novos que o Poeta nos oferece em cada poema.

---

<sup>6</sup> A. Ramos Rosa, *O Volante Verde*, Lisboa, Moraes Ed., 1986, p.62.

## APÊNDICE

### POEMA INÉDITO DE ANTÓNIO RAMOS ROSA

Regressei ao corpo insuperável  
à infância do ser, à inocência viva  
Já não sou o meu nome, sou músculo suave  
do fogo do universo  
sou a liberdade límpida  
de um rio silencioso que nasce  
em cada instante do princípio do mundo

Não me pertença  
Os meus contornos  
são os confins em que o teu corpo começa  
O meu modo de ser é interrogativo e desce  
ao centro do impossível e envolve  
a totalidade inacessível  
num enlace de água  
em que o ser e o não ser se conjugam no real absoluto

Entre mim e ti não há pontes  
a minha diferença respira  
a tua noite e o meu dia, o teu sol e a tua lua  
Estou vivo contigo na presença e na ausência  
tu és tu, nada nos separa porque a separação  
é a linha da aliança unitiva  
a respiração do vivo amor entre nós  
nos faz nascer.

2002